



AVALIAÇÃO ESCOLAR EM GEOGRAFIA: CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO ESTÉTICA NESSE PROCESSO

Carina Copatti

Universidade de Passo Fundo

Resumo

O ato de avaliar, na disciplina de Geografia, pressupõe a utilização de instrumentos que ampliem a capacidade de compreender diferentes fenômenos sociais ocorridos no espaço geográfico. A avaliação é um suporte importante para o processo de ensino-aprendizagem, permitindo a análise da ação educativa num processo contínuo, dando subsídios ao redimensionamento da prática pedagógica. Procuramos refletir sobre a avaliação escolar em Geografia baseada na humanização do ensino através de contribuições da Educação Estética. Assim, questionamos: De que maneira a Educação Estética pode contribuir para a avaliação na disciplina de Geografia? Considera-se a importância da Educação Estética a fim de promover uma educação para a sensibilidade, a partir de experiências que despertem a criatividade, ampliando a capacidade de reflexão e a participação dos educandos. Nosso intuito é encontrar significado nas aprendizagens, nas ações cotidianas e consequentemente, no processo avaliativo em Geografia. Nesse artigo utilizou-se como principais referências Callai, Filizola, Furlan e Duarte Jr.

Palavras-Chave: Ensino de Geografia; Avaliação; Educação Estética.

SCHOOL EVALUATION IN GEOGRAPHY: CONTRIBUTIONS OF AESTHETIC EDUCATION IN THIS PROCESS.

Abstract

The act of evaluating, in the Geography discipline, requires the use of tools to increase the ability to understand different social phenomena occurring in geographic space. Evaluation is important for the process of teaching and learning support, allowing the analysis of educational action in a continuous process, giving subsidies to resize the pedagogical practice. We tried to reflect about school evaluation in Geography, based in humanization through contributions of Aesthetic Education. So, we ask: How does the Aesthetic Education can contribute to the assessment in the Geography discipline? The importance of Aesthetic Education is considered to promote education for sensitivity, from experiences that awaken creativity, expanding the capacity for reflection and participation of students. Our goal is to find meaning in learning, in everyday actions and consequently in the Geography evaluation process. In this paper was used as main references Callai, Filizola, Furlan and Duarte Jr.

Keywords: Geography Teaching; Evaluation; Aesthetic Education.

1. Introdução

Na Geografia Escolar, o ato de avaliar pressupõe a utilização de instrumentos que ampliem a capacidade de leitura e compreensão de diferentes fenômenos sociais ocorridos no espaço geográfico. A avaliação pode ser considerada um suporte para o processo de ensino-aprendizagem, permitindo a análise da ação educativa num processo contínuo, investigando e dando subsídios ao redimensionamento da prática pedagógica.

Nesse contexto, trazemos algumas reflexões sobre a avaliação escolar baseada na humanização do ensino por meio de contribuições da Educação Estética na disciplina de Geografia. A indagação que se faz é: de que maneira a Educação Estética pode contribuir para o processo de avaliação na disciplina de Geografia? Que aspectos considerar para que o aluno sintasse capaz de construir sua aprendizagem de maneira sensível e consciente em relação ao seu “estar no mundo”?

Considera-se a importância desse debate no atual processo educacional, o qual está pautado num modelo quantitativo e envolto em uma série de problemas. Tais problemas refletem as disparidades sociais, os desajustes intensificados pelo processo contemporâneo de industrialização e o aumento demográfico ocorrido no século XX.

A Geografia Escolar, compreendida como uma ciência social, precisa dar conta das relações estabelecidas entre o ser humano e o ambiente em que vive. Pensar a Geografia nessas condições é desencadear a reflexão sobre a diversidade de espaços, dos quais o homem se apropriou e onde passou a realizar uma série de construções e mudanças, desencadeando intensas transformações. Assim, tais questões precisam ser incorporadas ao processo avaliativo, considerando também quem é o aluno, suas experiências e seu contexto sociocultural, entendendo-o como um ser humano dotado de capacidades e emoções.

Na perspectiva de inovar a prática da avaliação escolar é importante procurar respostas para os seguintes questionamentos: para que avaliar e como avaliar em Geografia. Nesse contexto, a Educação Estética apresenta-

se como uma possibilidade ao processo avaliativo nessa disciplina, por procurar promover o ensino-aprendizagem voltado para o ser humano, instigando sua capacidade de refletir e sensibilizar-se.

A sensibilização emana das experiências individuais e coletivas e de práticas cotidianas que estimulem atitudes coerentes e a conscientização do ser humano. O desafio no processo avaliativo em Geografia é considerar as experiências dos educandos com o intuito de promover a sensibilização como parte da formação.

2. O processo de avaliação: por quê, para quê e como avaliar em Geografia?

O processo de ensino-aprendizagem não é tarefa simples, tampouco uma tarefa que se faz sem planejamento. Exige reflexão, conhecimento específico, o desenvolvimento de habilidades e o constante movimento de pensar e repensar a práxis, de doar-se à profissão, num contínuo processo de indagar a si mesmo sobre o trabalho que desenvolve e sobre os resultados obtidos. Sendo assim, leva-se em conta a quem estamos ensinando, que necessidades os educandos têm e qual é o papel do educador na construção de uma aprendizagem que tenha sentido para eles, permitindo assim que a avaliação ocorra de maneira adequada.

Machado (2000) *apud* Catani e Gallego (2009, p. 19) traz algumas considerações sobre o processo avaliativo:

Embora o ato de avaliar consista numa ação corriqueira e espontânea realizada por qualquer indivíduo acerca de qualquer atividade humana sendo, assim, natural, instintiva e assistemática, pouco se reflete sobre o sentido desta palavra. Avaliar essencialmente significa atribuir valor a, emitir juízo de valor.

Como seres humanos, temos por natureza o desejo de avaliar, emitir nossos pareceres sobre as mais diversas situações. No entanto, a avaliação informal é diferente da avaliação institucionalizada, a qual é utilizada no contexto escolar de formação educacional. Para Gadotti (1984, p. 90):

A Avaliação é inerente e imprescindível durante todo processo educativo que se realize em um constante trabalho de ação-reflexão, porque educar é fazer ato de sujeito, é problematizar o mundo em que vivemos para superar as contradições, comprometendo-se com esse mundo para recriá-lo constantemente.

Procuramos, nesse contexto, refletir sobre a necessidade de avaliar, para que avaliar e como avaliar na disciplina de Geografia, visto que, as mudanças constantes e cada vez mais intensas impõem ao ser humano adaptar-se às novas formas de aprendizagem, considerando aspectos para além da mera repetição.

Filizola (2009, p. 49) considera que, para alguns autores, o século XX, especialmente a sua segunda metade, foi um marco para a Geografia no Brasil, época em que ocorreu a publicação da obra “Metodologia do Ensino Geográfico: introdução aos estudos da Geografia Moderna”, datada de 1925. Essa foi a obra com a qual se iniciou o rompimento da tradição geográfica do país, ensino este que superestimava a memorização dos alunos. Como afirma o autor, a obra auxiliou na edificação de uma Geografia interpretativa, prática e significativa para os estudantes. Conforme afirma o autor (2009, p. 49) “na esteira dessas iniciativas, encontrava-se a avaliação, tendo em vista as falhas, os vícios e as incoerências presentes nos programas, nos exames e nas provas relacionados às práticas avaliativas na época”.

Filizola (2009, p. 50-51) salienta que o Brasil não dispunha de uma rede de ensino ao longo dos dois primeiros séculos do período colonial, fato este que retardou também a existência da Geografia no ensino brasileiro. As mais expressivas referências acerca da avaliação em Geografia Escolar, segundo o autor, podem ser tomadas a partir do século XIX. O autor considera que, se de um lado, a Geografia passou a ser devidamente reconhecida no currículo escolar, de outro, as avaliações na área foram alvo de severas críticas. Isso se deve ao modo como essas avaliações eram aplicadas e quais eram seus reais objetivos em relação ao processo de ensino-aprendizagem.

Como afirma Filizola (2009, p. 53-54) o sistema de “tests” trazido dos Estados Unidos para o Brasil sofreu inúmeras críticas. Segundo o autor:

Contrário a essa prática Delgado de Carvalho e outros pensadores de seu tempo defendiam uma avaliação mais sistemática, criteriosa e coerente com um ensino renovado de Geografia. Foi nessa perspectiva que o “sistema ou método dos tests” foi introduzido no Brasil. Contudo, é importante que se frise, Delgado de Carvalho reivindicava métodos mais avançados de ensino, assim como mudanças nos programas de Geografia, melhores livros didáticos e maiores cuidados com a capacitação dos professores.

Filizola (2009, p. 55) salienta que estes testes, na visão de Delgado de Carvalho, não exigiam do aluno qualquer justificativa, preocupando-o, assim, com o “chute”. O pensador salientava a importância das dissertações, ou seja, do uso da redação no ensino geográfico. Desse modo, o educando desenvolve outras habilidades que lhes sejam mais atrativas do que o mero processo de decorar respostas e responder extensos questionários, tornando essa etapa da aprendizagem mais agradável.

Libâneo (2004, p. 196), entende a avaliação da aprendizagem como “[...] o componente do processo de ensino que visa, através da verificação e qualificação dos resultados obtidos, determinar a correspondência destes com os objetivos propostos e, daí, orientar a tomada de decisões em relação às atividades didáticas”. Nas palavras de Kimura (2010, p. 188) a avaliação continua sendo um assunto indispensável, sendo que deve ser diagnóstica e processual.

A avaliação, quando utilizada para verificar e qualificar o processo de ensino-aprendizagem, torna-se uma ferramenta essencial no processo educativo, portanto, sua função não é “quantificar” o percentual que o aluno aprendeu. A avaliação engloba uma infinidade de critérios que precisam considerar também as atividades didáticas dos educadores e a aplicabilidade destas na sala de aula. Furlan (2007, p. 39) considera que “tradicionalmente o que se observa é o processo de avaliação reduzir-se à verificação do conteúdo aprendido pelo aluno. Os professores avaliando através de instrumentos, de estilo tipicamente reprodutivo, cabendo ao aluno escutar as aulas, tomar nota e fazer

prova”. Ainda hoje, muitas instituições escolares e por que não dizer, muitos educadores, utilizam a avaliação enquanto medida, classificando os educandos, comparando-os e gerando uma espécie de “rótulo”, distinguindo-os como “bons” ou “ruins”.

Dessa forma, compreendemos que a avaliação, quando utilizada de maneira incoerente e inconsequente, torna-se uma ameaça ao processo de aprendizagem do educando. Conforme corrobora Villas Boas (2008, p. 24) “a avaliação mal praticada alia-se ao trabalho escolar desprovido de prazer e de sentido não só para alunos, mas também para professores. Conceber o trabalho pedagógico no qual a avaliação faça sentido é o desafio que toda a escola enfrenta”. No processo educativo em Geografia a avaliação deve ser cuidadosa, considerando a aprendizagem em diversos aspectos, indo além da quantificação.

A Lei de Diretrizes e Bases 9.394/96 da Educação Nacional (BRASIL, 1996), em seu artigo 24º, estabelece que a avaliação do desempenho do aluno deve ser contínua e cumulativa, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais. Assim, o aluno precisa ser avaliado durante todo o processo educativo, considerando diferentes aspectos que são essenciais na sua formação e não somente por meio de notas quantificáveis. Para Goulart (2007, p. 62) a avaliação precisa ser pensada como possibilidade, de forma prospectiva, uma vez que desempenha um papel relevante na aprendizagem. “Ela é bússola, pois indica caminhos, corrige rotas, retoma trajetórias. Tem, assim, um caráter construtivo”.

Morales (2003, p. 41) faz algumas considerações sobre os tipos de avaliação, afirmando que é necessário “[...] enfatizar algumas diferenças entre a avaliação somativa e a avaliação formativa porque, em geral, estamos acostumados a pensar e a agir de acordo com a avaliação somativa, embora não usemos esses termos”. Morales (2003, p. 39) afirma, ainda, que se o que buscamos é o êxito e não o fracasso, precisamos diferenciar tempos e formas de avaliação, segundo distintas finalidades. Podemos começar a

pensar a avaliação como um método didático sumamente eficaz e não simplesmente como um método de comprovação.

Filizola (2009, p. 55-56) salienta que:

Em primeiro lugar, a avaliação não deve ficar restrita a provas e testes. Ao contrário, é necessário diversificar os instrumentos avaliativos tendo em vista ampliar as possibilidades de avanço dos alunos [...]. Em segundo lugar, o processo de avaliação da aprendizagem escolar não pode ser concebido como algo à parte do processo de ensino e até mesmo do projeto pedagógico. Nessa perspectiva, a avaliação deve possuir um caráter diagnóstico e, conseqüentemente, prestar-se para a verificação dos resultados planejados [...].

O processo avaliativo na Geografia é um referencial que auxilia o educador a refletir sobre a sua práxis, ampliando as suas percepções em relação ao educando, ao seu trabalho e, também, em torno de suas próprias perspectivas de atuação. Considerar a avaliação como aliada na qualificação dos resultados é uma forma de nortear a educação, visando a melhoria do processo de ensino-aprendizagem e das relações que se estabelecem entre dois seres dotados de sentimentos e anseios: professor e aluno.

Na Geografia escolar a verificação da aprendizagem deve ser um processo continuado, realizado em diferentes momentos e de formas variadas, a partir das vivências e das construções realizadas no ambiente escolar e de sala de aula. Para Kaercher (2003, p. 11) “a geografia existe desde sempre, e nós a fazemos diariamente. Devemos romper então com aquela visão de que a geografia é algo que só veremos em aulas de geografia”. Kaercher (1997, p. 61) afirma também que:

A Geografia pode ser um instrumento valioso para elevarmos a criticidade de nossos alunos. Por tratar de assuntos polêmicos e políticos, a Geografia pode gerar um sem número limite quebrando-se assim a tendência secular de nossa escola como algo tedioso e desligado do cotidiano.

A aprendizagem em Geografia se dá nas experiências, nos diálogos, nas análises realizadas, nas trocas entre professor, aluno e entre estes no exercício da cooperação e da reflexão em relação a diversos assuntos, estes que aproximam a ciência geográfica e o cotidiano do ser humano vivendo em sociedade.

A LDB 9.394 (BRASIL, 1996) considera para o Ensino Fundamental, em seu artigo 32º, entre outras características, a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade e o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores. Considera, também, o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social. Nessa perspectiva, a verificação da aprendizagem na disciplina de Geografia, por meio da avaliação, também precisa considerar as construções sociais e as interpretações que o educando faz no ambiente escolar, utilizando-se de conhecimentos da disciplina e das contribuições advindas das vivências sociais e dos valores que o constituem como ser humano.

Furlan (2007, p. 40) salienta que “na escola, a avaliação é realizada com a naturalidade do dia-a-dia. Comumente é tendenciosa e arbitrária, seus instrumentos são limitados e os resultados mal usados”. A autora afirma ainda que:

Usar os instrumentos na perspectiva da avaliação é crer no educando e procurar ver, em primeiro lugar, não aquilo que o separa ou o diferencia dos demais jovens de sua idade, mas sim tudo aquilo que tem em comum com todos os demais. É procurar descobrir o que ele sabe e o que é capaz de fazer, evitando compará-lo com um suposto padrão de qualidade existente.

Dessa forma, a avaliação na disciplina de Geografia deve contribuir para a reflexão sobre as possibilidades de interação e aproximação entre educador, conhecimento e educando, de maneira humana e sensível. Kimura (2010, p. 188) salienta que é possível ver a avaliação na Geografia como uma possibilidade de diagnosticar o trabalho docente no processo de ensinar e aprender e, de os alunos situarem-se no seu fazer-pensar.

Nesse contexto, o educando necessita compreender o que aprende, por que aprende e como aprende, desse modo, partindo de esclarecimento e contextualização dos assuntos, criará condições de compreender melhor

variados temas da disciplina, de maneira mais significativa. Segundo corrobora Furlan (2007, p. 44):

Avaliar não é um procedimento à parte da aprendizagem. Avaliar é observar, a cada momento, o aluno e se observar como professor. Porém, isso não significa que a avaliação não deva ser formalizada. A escola precisa dar satisfação de suas ações, os alunos e os professores precisam da referência de alguns índices, que utilizados conscientemente, fornecem indicações de conhecimentos e apontam as intervenções necessárias.

Morales (2003, p. 39) afirma que de todos os efeitos positivos ou negativos da avaliação, o mais importante é, possivelmente, aquele que condiciona o quê e o como do estudo do aluno. Avaliar não é somente o ato de atribuir uma nota ou estipular um conceito ao aluno, consiste em interpretar suas habilidades e estimular melhorias. Esse processo exige que se conheça muito da realidade deste e que se leve em consideração suas potencialidades. Avaliar o processo implica ir além dos conteúdos, é tecer a teia das relações sociais, refletir a realidade a partir de questões cotidianas, as quais estão além dos livros didáticos e dos muros da escola.

O professor de Geografia, na sua prática docente, deve atuar na perspectiva de desenvolver um olhar avaliativo para além da sala de aula, compreendendo o contexto social onde atua e as individualidades de seus educandos, reconhecendo, assim, as dificuldades que por vezes os limitam e as capacidades que, se bem trabalhadas, os habilitam para inúmeras aprendizagens. Para Furlan (2007, p. 43) o professor deve ser ativo, dando suporte à aproximação do aluno com o conhecimento produzido e a produzir. Também precisa pensar sobre o pensar do aluno no processo de construção desse conhecimento. Desse modo, transpõe a barreira que o limita, levando-o a olhar o educando a partir do que ele realmente é, considerando o quanto pode progredir nesse processo.

Desse modo, levar em conta somente as expectativas do educador, sem considerar as necessidades de cada educando pode comprometer a qualidade do processo de avaliação. Frente a isso, avaliar a aprendizagem requer muito cuidado e a formação adequada dos educadores, preparando-os para o exercício de reflexão sobre o seu trabalho.

Na disciplina de Geografia é de extrema importância realizar a avaliação formativa durante toda a ação pedagógica, deixando claro ao educando qual é o objetivo da avaliação que está sendo realizada, como essa avaliação ocorrerá durante as aulas e porque se faz necessária tal avaliação. Ainda, instigar um processo dialógico em que a confiança e a cooperação estejam presentes é uma forma de atrair os educandos a serem parceiros nesse processo, promovendo o ensino e a avaliação em Geografia de acordo com as características da turma, seu contexto social e faixa etária dos educandos. Filizola (2009, p. 55) defende a importância de restringir o uso de provas e incentivar a diversificação de instrumentos de avaliação na Geografia, para que o educando seja capaz de avançar com maior qualidade. Frente a isso, é importante instigar os educandos a serem parceiros e não competidores, buscando crescimento individual e coletivo e assim conquistando melhores resultados.

Portanto, como parte do processo avaliativo em Geografia, é importante incentivar ações e atividades em que cada ser humano seja valorizado pelas suas qualidades e pelos conhecimentos que constrói no cotidiano, num processo contínuo de construir-se como um ser dotado de sentimentos e capacidades, vislumbrando um ensino humanizado e integrado ao contexto social.

3. Possibilidades e contribuições da Educação Estética nas avaliações de Geografia

A Geografia, no contexto atual do ensino, precisa dar conta de uma variada gama de assuntos que vão muito além da descrição dos fenômenos naturais. A Geografia Escolar é compreendida como uma ciência social, a qual deve analisar, compreender e refletir criticamente sobre as relações dos seres humanos no ambiente no qual estão inseridos e o qual transformam continuamente.

Pensar a Geografia nessa perspectiva requer a reflexão sobre a diversidade de espaços, os quais o homem se apropriou e realizou uma série de adaptações, construções e consequentemente, transformações. O desenvolvimento humano não é apenas biológico, há uma infinidade de elementos constituintes do ser social, portanto, seu desenvolvimento baseia-se, também, nas relações culturais que estabelece em sociedade, com outros indivíduos e no espaço no qual está inserido, realizando as mais diversas interações.

No ambiente escolar, as relações que vivemos são evidenciadas por uma mescla de histórias de vida, diversidades culturais, econômicas, étnicas, que se entrelaçam, se expressam e, por vezes, entram em conflito. Desse modo, pensar a avaliação dentro do atual contexto da educação, com todas as suas complexidades, exige dos educadores constante aperfeiçoamento e interação com seus educandos, estabelecendo, assim, um canal de diálogo para além dos conteúdos abordados, interagindo por meio de diferentes metodologias, a fim de promover a humanização do ensino por meio de construções éticas e socialmente viáveis no ensino da Geografia.

A avaliação é parte da aprendizagem e deve ser aplicada na disciplina de Geografia de maneira significativa, considerando a participação do educando e o desenvolvimento de habilidades de argumentação, observação e tomada de consciência sobre diferentes assuntos concernentes à Geografia. Nesse contexto, Furlan (2007, p. 39) considera que:

Aprender implica esforço de elaboração própria, habilidade de argumentação com autonomia, saber pensar crítica e autocriticamente, produzir textos e materiais inteligentes, participação ativa envolvente. É sobre isso que o aluno deve ser avaliado e não pela quantidade de conteúdo que conseguiu reproduzir.

Avaliar, num processo de humanização, é considerar o educando um ser em constante descoberta e contínua transformação, o qual necessita de estímulos, confiança e oportunidades. Na disciplina de Geografia, a avaliação precisa considerar os valores culturais, ou seja, não há como homogeneizar os educandos para que aprendam e constituam valores e sentimentos de maneira igualitária, pois cada indivíduo traz consigo suas

vivências, suas histórias de vida e a cultura, herdada das experiências no contexto onde vive.

Atribuir-lhe uma nota, por esse viés, deve levar em conta que a Geografia Escolar, constituída de uma infinidade de conteúdos, abrange inúmeros temas, de escala local, nacional, global, o que torna pertinente relacioná-los com a realidade vivida, sentida e pensada pelos educandos. Para tanto, entendemos que o trabalho vai muito além de abordar os conteúdos e posteriormente aplicar uma avaliação. É imprescindível desenvolver a capacidade de refletir sobre as relações que se estabelecem em diferentes ambientes, considerando a ação de diferentes povos, os quais possuem culturas, hábitos, tradições e necessidades distintas. Desse modo, o real objetivo da avaliação no estudo da Geografia é desenvolver nos educandos a capacidade de empatia, observando e contextualizando diferentes assuntos.

Callai (2000, p. 123) considera que:

As maneiras como os grupos exploram o espaço, como estabelecem as relações com o ambiente têm muito a ver com a sua cultura. Conhecer-la, portanto, pode ser significativo para compreender o lugar, e entender por que as coisas acontecem do modo que estão acontecendo. Reconhecer a cultura local significa perceber a história do lugar, as origens das pessoas que ali vivem e as verdades e valores que pautam as relações entre elas.

Compreender a diversidade cultural e a diversidade de espaços, onde ocorrem as relações sociais, é de extrema importância para o desenvolvimento de diferentes propostas para a avaliação em Geografia, nesse caso utilizando-nos das contribuições da Educação Estética, esta que surgiu como disciplina ainda no século XVIII, por meio do filósofo alemão Alexander Baumgarten, criador do vocábulo *Aesthetica*. Para Huisman (1984, p. 9) etimologicamente *Aisthesis* em grego significa sensibilidade, tendo duplo significado: conhecimento sensível (percepção) e aspecto sensível da nossa afetividade.

Duarte Jr. (1991, p. 11) afirma que, por exigência de nossa civilização, sempre separamos sentimentos e emoções de nosso raciocínio e intelecção:

Por isso nossas escolas iniciam-nos, desde cedo, na técnica do esarteamento mental. Ali devemos ser apenas um homem pensante. As emoções devem ficar fora das quatro paredes das salas de aula, a fim de não atrapalhar nosso desenvolvimento intelectual. Os “recreios” e as “aulas de arte” são os únicos momentos em que a estrutura escolar permite alguma fluência de nossos sentimentos e emoções. E há jeito de ser diferente?

Duarte Jr. (1991, p. 12) afirma que talvez haja. Talvez, ao contrário do que se acredita, as emoções não atrapalhem o desenvolvimento intelectual. Pode ser que razão e emoção se completem e se desenvolvam mutuamente, dialeticamente. Acreditamos nisso e compreendemos que nós, como seres humanos, necessitamos dessa mescla de sentimento e razão, a fim de construir nosso ser com totalidade.

Nas considerações de Furlan (2007, p. 43) é essencial que o professor ouça seu aluno, procurando compreender o que ele pensa e as hipóteses que formula sobre os erros e os acertos. Conhecer seu nível de desenvolvimento e o domínio sobre os assuntos trabalhados também se faz necessário. Além disso, o pensar sobre as características do aluno deve ser pautado no planejamento e na execução das ações pedagógicas. Os critérios devem ultrapassar a esfera dos conteúdos de Geografia, considerando os sentimentos, os desejos e as emoções, contribuindo, assim, para a construção significativa da aprendizagem e consequentemente do processo avaliativo. Dessa forma, compreendemos que a Educação Estética pode contribuir para avaliações que instiguem a curiosidade e ampliem a capacidade de reflexão tanto do educador quanto do educando.

Freire (1996, p. 95) considera que:

Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino. Exercer a minha curiosidade de forma correta é um direito que tenho como gente e a que corresponde ao dever de lutar por ele, o direito à curiosidade.

A curiosidade é essencial à vida escolar, sem ela os alunos enfrentam dificuldades em desenvolver o fascínio pela aprendizagem. Como educadores devemos refletir sobre a maneira pela qual temos instigado nossos educandos à curiosidade. Nessa perspectiva, procuramos nos apropriar de algumas considerações da Educação Estética, levando em conta

as situações da vida cotidiana e as emoções que as descobertas nos proporcionam. Conforme afirma Maffesoli (2001, p. 56):

Os lugares e os jogos da infância, o marco das primeiras emoções, a aprendizagem das maneiras de pensar, a interiorização das posturas corporais, a integração das formas linguísticas e, sobretudo, todas as comunicações não verbais que, por sedimentações sucessivas, estruturam a solidariedade orgânica sem a qual não há sociedade possível.

As emoções e os sentimentos externados a partir da aprendizagem significativa colaboram para a construção de indivíduos que, além de aprender, utilizam-se dos conhecimentos de maneira contínua, ou seja, nesse processo de aprendizagem há um significado, o qual pode contribuir tornando a avaliação uma extensão desse processo. Desse modo, a sensibilidade desenvolvida no ambiente escolar pode ser ampliada a partir de experiências com vistas ao desenvolvimento da experiência estética. Duarte Jr. (1988, p. 115) considera que:

[...] Deve-se entender que “consciência estética” tem um significado muito mais amplo do que a simples apreciação da arte. Ela compreende justamente uma atitude mais harmoniosa e equilibrada perante o mundo, em que os sentimentos, a razão e a imaginação se integram; em que os sentidos e valores dados à vida são assumidos no agir cotidiano [...].

A pretensão de utilizar a Educação Estética neste estudo vislumbra a necessidade de sensibilizar a aprendizagem através da significação dada aos conteúdos trabalhados em sala de aula, para que os educandos, dotados de habilidades, tenham a possibilidade de unir a razão com a sensibilidade a fim de construir novos conhecimentos para agir no mundo.

A construção de uma Educação Estética voltada à integração ser humano-natureza torna-se importante na formação de cidadãos atuantes e conscientes do seu papel social, tanto na relação com outros sujeitos quanto na interação no ambiente do qual se utiliza. Duarte Jr. (1988, p. 18) defende que a educação possui uma educação estética: “levar o educando a criar os sentidos e valores que fundamentem sua ação no seu ambiente cultural, de modo que haja coerência, harmonia, entre o sentir, o pensar e o fazer [...]”.

Essa harmonia emana da preparação prévia, das estratégias utilizadas e do empenho do educador e do educando nesse processo, tornando a avaliação uma etapa significativa.

No processo avaliativo em sala de aula, o aluno precisa ser estimulado a apreciar, significar e conscientizar-se a partir de suas próprias reflexões, etapa que vai além da mera observação e análise. Exige do educando uma capacidade de atenção, busca de significados e compreensão, o que irá subsidiar o desenvolvimento da consciência. Por certo, essa é uma construção que demanda tempo e preparo dos educadores a fim de realizar um trabalho profundo e adequado à realidade escolar. Para isso, podem encontrar nas expressões artísticas um suporte que irá colaborar com o processo de ensino-aprendizagem em Geografia, já que as artes possuem maior possibilidade de sensibilização, as quais nenhuma outra disciplina alcança.

Nesse contexto, a avaliação requer uma interação dialógica e afetiva entre professor e aluno que ultrapasse o limite dos conteúdos, tendo em vista o redimensionamento de práticas educativas, pautadas na aproximação sensível entre eles. A avaliação, dentro de um processo educacional diferenciado, é essencial para a formação de cidadãos reflexivos, críticos e conscientes do seu agir em sociedade. Formar para a cidadania vai muito além de abordar conteúdos e decorar informações, é um longo caminho de redimensionamento da práxis educativa, de suscitar questionamentos e instigar o constante exercício de sensibilização, numa sequência de trocas e aquisições mútuas. Duarte Jr. (2001, p. 218) afirma que:

[...] É preciso sentir, ser estimulado nas múltiplas formas sensórias possíveis, mas é necessário prestar atenção ao que se sente, pensar naquilo que os estímulos provocam em nós e no papel desses sentimentos no decorrer de nossa vida em sociedade.

Mais importante do que ensinar o aluno a observar e compreender as relações dos seres humanos entre si é instigar a sua consciência como parte do ambiente onde vive, considerando as vivências cotidianas, as sensações, os odores, os gostos, o toque, o pulsar, o ritmo, enfim, criar condições para

que o aluno além de ver, sinta, tateie, questione, se emocione, reflita, viva o momento da aprendizagem.

Nas considerações de Meira (1999, p. 136) não é mais possível pensar numa educação para a cidadania ou para a construção de sujeitos, sem a garantia de uma educação estético-visual. “A possibilidade de pensar, agir, interagir e intervir por meio de imagens garante as condições estruturais e estruturadoras para se construir formas de aprendizagem, conhecimento, comunicação que sejam intrínsecas à via figurativa [...]”. Gennari (1997, p. 160) afirma que o uso das linguagens estéticas, de suas expressões e de seus conteúdos favorece a formação de uma personalidade multilateral, que encontra no próprio senso estético um posicionamento equilibrado entre a parte e o todo, eu e o outro, objeto e sujeito, realidade e imagem, desenvolvimento e paralização.

As expressões artísticas auxiliam o processo avaliativo em Geografia, pois são dotadas de uma infinidade de recursos que podem ser adaptados e interligados, contribuindo para a significação dos conteúdos e sua compreensão por parte dos educandos, tornando o processo de avaliação mais dinâmico e expressivo. São inúmeras as possibilidades de aliar Geografia e Educação Estética. Nesse processo, o domínio do conteúdo não é suficiente para que se construa uma aula significativa, é imprescindível encontrar formas de ensino-aprendizagem e de avaliação que se adequem a um processo educativo pautado na sensibilidade humana, o que exige tempo para a preparação de aulas, leituras prévias, análise de materiais diversos, enfim, que o educador experimente, sinta e desenvolva, assim, sua própria consciência estética.

Pronunciar-se esteticamente sobre/no mundo é uma tarefa que exige o desenvolvimento de inúmeras capacidades, dentre elas o diálogo, que, segundo Freire (1987, p. 79) é uma exigência existencial, mas que não se efetiva se não houver um “profundo amor ao mundo e aos homens”. Tanto o aluno quanto o professor precisam abrir-se para o diálogo, respeitando o outro nessa relação, respeitando também sua cultura e considerando suas individualidades, com o intuito de ampliar e ressignificar as relações que

estabelecem na sala de aula. Maffesoli (1998, p. 21-22) salienta que aquilo que caracteriza a estética do sentimento não são as experiências interiores, ou seja, individuais; pelo contrário, é, na sua essência, na abertura para o outro que a estética do sentimento se desenvolve. Essa abertura conota o espaço, onde se representa o destino comum. É, portanto, o espaço comum que permite estabelecer um laço estreito entre “a matriz ou aura estética e a experiência estética”.

Estabelecer laços entre a educação estética e a Geografia, a partir de experiências estéticas é uma forma de ampliar as possibilidades para o processo avaliativo, considerando as aprendizagens numa constante. Para tanto, é importante ir além do livro didático e da linguagem visual. Nossas aulas geralmente são construídas a partir da utilização de mapas, desenhos, imagens, tabelas, charges, é preciso ir além, utilizando recursos que contemplem os demais sentidos humanos: tato, olfato, paladar, audição, além da visão, considerando outras habilidades humanas, além da leitura e interpretação.

Consideramos a utilização da linguagem sonora como um recurso que contribui para que os educandos desenvolvam a atenção e recordem assuntos estudados em aula, além da possibilidade de criar formas de avaliação a partir desses recursos. Também a pesquisa por meio de recursos auditivos, pode compor uma maneira de avaliar a aprendizagem.

Utilizamos como exemplos a apreciação de ruídos urbanos, ruídos de guerras, sons da natureza, movimento dos meios de transporte produzindo um som característico, entre outras formas de apreciação sonora, a fim de explorar diferentes sensações e instigar reflexões sobre diferentes temas a partir da audição humana.

É importante salientar que deve existir uma relação direta entre o conteúdo abordado em sala de aula e os critérios utilizados para a avaliação, levando em conta os avanços obtidos durante todo o processo. Preparar diferentes atividades avaliativas relacionadas ao conteúdo já trabalhado é uma maneira de garantir um resultado satisfatório e de qualidade.

Citamos outras possibilidades de envolver o educando no processo educativo, avaliando-o continuamente. Utilizar experiências táteis no processo de sensibilização pode proporcionar novas sensações e ampliar a aprendizagem. Como possibilidades, destacamos a construção de máscaras para desenvolver uma atividade prática, retratando diferentes povos. Ainda, a confecção de maquetes é uma forma importante de instigar a participação ativa dos educandos, além disso, compreendemos que desenvolver atividades com os olhos vendados pode instigar a curiosidade, tornando-os mais atentos, onde estes precisem relacionar os objetos identificados com o assunto abordado na aula de Geografia.

Desenvolver os sentidos humanos na aprendizagem pode tornar-se uma ação agradável ao se estudar Geografia. Para tanto, a utilização do paladar também pode instigar sensações novas, pois, além de preparar o próprio alimento ou degustar um produto enquanto aprendem, os educandos estarão realizando um exercício de construção coletiva do conhecimento, participando da atividade avaliativa de maneira mais prazerosa.

Ao aprender Geografia podemos também utilizar o olfato, sendo que os cheiros podem facilitar a aprendizagem de muitos conteúdos, ampliando as possibilidades de êxito na avaliação. São algumas possibilidades: visitar usinas de tratamento do lixo ou de esgoto, com o objetivo não só de observar o lixo, mas sentir o odor característico, ou, como recurso, utilizar o lixo produzido no ambiente escolar para realizar essa atividade. Desse modo, elaborar experiências na escola a partir de cheiros, de acordo com o assunto em debate contribui para a aprendizagem. Alguns exemplos são as queimadas e os poluentes do ar e da água, estes que podem ser reproduzidos a partir de experiências em que os educandos precisem apresentar de maneira prática, em sala de aula, um processo que ocorre na natureza a partir da ação humana.

Utilizando recursos visuais existe uma infinidade de possibilidades para auxiliar na avaliação, como a criação de documentários, músicas, charges, ilustrações, poemas, a observação e reflexão a partir de imagens, mapas, tabelas, estes que podem ser utilizados de acordo com o assunto abordado e

com o contexto da avaliação. Desse modo, cabe ao educador dedicar-se continuamente para que a avaliação seja realizada a fim de verificar a aprendizagem de maneira a contemplar as mais variadas contribuições do educando.

A aprendizagem sensível e significativa ocorre a partir do momento em que o educando passa a sentir a aula como um momento prazeroso. Almeida (2004, p. 19) enfatiza que a aprendizagem ocorre:

[...] Quando aos alunos é dado o direito de simplesmente experimentar, tatear, sentir o prazer de apenas explorar os materiais ou divagar entre ideias incipientes, sem o peso do compromisso de apresentar “para nota” um produto final da atividade; [...] quando os alunos realizam atividades capazes de despertar sentidos plenos para eles, e isso ocorre quando se identificam com a proposta de trabalho e se reconhecem como autores, quando constatarem que podem criar algo novo por meio de sua ação.

Explorar diferentes recursos na atividade avaliativa dá ao educando a possibilidade de expor outras capacidades que na avaliação tradicional não são abordadas. Assim, geralmente o educando obriga-se a decorar conteúdos, pois não compreendeu ou não conseguiu relacionar com o contexto onde vive. Duarte Jr. (1991, p. 23-24) afirma que “aprender não é decorar. Aprender é um processo que mobiliza tanto os significados, os símbolos, quanto os sentimentos, as experiências a que eles se referem. Já, decorar, é algo assim como ocorre com o animal: uma resposta fixa, sem criatividade, a um estímulo fixo”.

A Geografia é uma disciplina que se preocupa com o espaço ocupado e transformado pelos seres humanos a partir das relações sociais que constrói. No entanto, é comum ainda se apresentar como uma disciplina conteudista, utilizando-se da quantificação e de atividades em que a “decoreba” é evidente. Desse modo, temos o desafio de transformar o ensino da Geografia e o ato de avaliar nessa disciplina, a partir de novos olhares, voltando-nos para a humanização, para refletir sobre quem é o aluno, quem somos nós e o que estamos fazendo da nossa práxis docente.

Nas considerações de Callai (2011, p.15) “fazer a educação geográfica requer o esforço de superar o simples ensinar Geografia ‘passando os conteúdos’, e procurar com que os alunos consigam fazer as suas

aprendizagens tornando significativos para as suas vidas estes mesmos conteúdos”. Compreendemos que, no momento da avaliação, quando ocorre uma real significação do processo ensino-aprendizagem, o educando consegue transpor para o papel aquele conhecimento que conseguiu internalizar, com suas palavras, suas reflexões, construindo suas próprias reflexões sobre o tema abordado. A partir das experiências sensíveis esse processo torna-se um tanto mais fácil e atrativo ao educando. Assim, as práticas positivas de avaliação na disciplina de Geografia precisam ser utilizadas constantemente para que os educandos sintam-se verdadeiramente estimulados a aprender e a utilizarem-se dos conhecimentos geográficos na sua vida cotidiana.

Avaliar para a construção significativa de valores, esse é um importante caminho que precisa ser considerado ao “educar para o sensível”, processo este de fundamental importância para ampliar a capacidade do educando de repensar a sua atuação no espaço geográfico de maneira consciente e transformadora. Assim, ao aproximar a Educação Estética e a Geografia pretende-se contribuir para um novo sentido à aprendizagem e especialmente à relação professor-aluno.

Cada educando é único e, no ambiente educativo, precisa sentir-se acolhido. Nesse sentido, o educador precisa ter clareza do papel da Geografia na atualidade e de como o aluno aprende, assim, poderá optar pelos sistemas de avaliação mais adequados a uma educação onde os seres envolvidos sintam-se sujeitos da sua própria aprendizagem. Para tanto, Cavalcanti (2008, p. 133) considera que:

Para superar o formalismo didático no ensino de geografia é preciso, entre outras coisas, que seus agentes – professor e alunos – estejam realmente envolvidos no processo de ensino, o que requer do professor a organização de atividades que levem em conta as necessidades individuais e sociais dos alunos.

Saber quem é o aluno, de que realidade ele vem, pode ser uma tarefa complicada, principalmente quando envolve salas de aula lotadas e escasso tempo para as aulas de Geografia, no entanto, ainda assim o educador pode

aproximar-se do educando a fim de entender o que este espera da educação e, conseqüentemente, o que espera das aulas de Geografia e do educador. Da mesma forma que o educador cria expectativas no processo educativo, o educando também o faz, portanto, é importante compreender o que o aluno mais gosta, quais são os seus anseios e expectativas, mesmo que aparentemente este não demonstre suas necessidades.

Diante dessas considerações, o educador tem o desafio de criar um ambiente agradável, de trocas, de sensibilização, onde os educandos sintam-se acolhidos e parte do processo de construção do conhecimento, desencadeando a avaliação formativa. Filizola (2009, p. 57) salienta que:

[...] É importante frisar, mais uma vez, que nossas aulas e conteúdos que abordamos devem prestar-se para o sucesso de nossos alunos. Isso não significa soluções imediatistas ou utilitárias, algo como “servir tão somente para passar no vestibular”. Tem de ser útil para a sua formação cidadã, para ampliar ou potencializar suas condições para intervir na realidade e nos seus destinos.

Além disso, o professor precisa compreender como se dá a aprendizagem humana, como o conhecimento é assimilado e que fatores interferem para essa aprendizagem. Para Meira (1999, p. 131):

O desafio da Educação Estética é fazer com que a arte deixe de ser uma disciplina do currículo e se torne algo incorporado à vida do sujeito, que o faça buscar a presença da arte como uma necessidade e um prazer, como fruição ou como produção, porque em ambas a arte promove a experiência criadora da sensibilização.

Diante deste desafio, compreendemos que a educação dos sentidos nos dimensiona para uma relação de trocas de energia e sensibilização para a aprendizagem, dando sentido à existência de cada um, como seres humanos interagindo e realizando experiências inovadoras a partir do tato, do olhar, do sentir, do despertar dos sentidos.

Tais experiências podem contribuir para transformar as vivências em grupo, em família e em sociedade e contribuir de maneira significativa ao processo avaliativo na disciplina de Geografia, em que o ato de avaliar deixe de ser uma atividade maçante, transformando-se em um processo mais prazeroso, como parte da formação do ser humano, contribuindo para sua

aprendizagem e crescimento de maneira continuada, para além do espaço escolar.

Essa é uma discussão que se encaminha na atualidade, visto que, o processo de ensino-aprendizagem na contemporaneidade tem sido constantemente questionado por não dar conta das necessidades atuais para a formação humana. No ensino da Geografia e no seu processo avaliativo tais discussões tornam-se necessárias, sendo que alguns autores já desenvolvem pesquisas sobre essa temática, vislumbrando ampliar as possibilidades de aliar a emoção ao processo educacional, desencadeando a sensibilização humana, tão necessária à interação do homem em sociedade.

4. Considerações Finais

O processo de sensibilização estética constitui-se de um movimento cada vez mais amplo e, na atualidade, se mostra muito necessário no contexto educacional. A sensibilização dos educandos deve ser parte do processo de avaliação, pois, medir a aprendizagem dos educandos de maneira quantitativa não é o bastante, precisamos desenvolver em nossos educandos inúmeras capacidades que vão além do simples ato de responder questões e decorar respostas.

Nosso intuito, na disciplina de Geografia, é estimular o desenvolvimento de novos conhecimentos a partir da significação das ações e das relações cotidianas estabelecidas no espaço escolar e comunitário, estas dotadas de sentimentalidade, emoções, percepções. Desse modo, o professor deve preocupar-se continuamente com a práxis educativa, considerando que a qualidade do ensino que ministra passa pela sua adequada preparação para a ação de ensinar.

O domínio do conteúdo é extremamente importante, mas, apenas isso, não é suficiente para o desenvolvimento de uma aula significativa e, conseqüentemente, para uma avaliação significativa. Faz-se necessário humanizar esse processo, em que os educandos possam expressar suas emoções, levantar questionamentos, realizar reflexões em torno do processo

de aprender. Faz-se necessário desacelerar o ritmo atual e deixar-se guiar pelas inúmeras possibilidades de transformar a aula num processo de despertar de emoções, sentimentos e curiosidades, utilizando os sentidos do ser humano.

Avaliar para uma educação sensível desafia os educadores a sentirem, antes mesmo de propor o exercício de sentir aos educandos. Desafia a refletir através dos sentidos, dos cheiros, dos gostos, da pele, instruindo o educando a sentir a Geografia não apenas na sala de aula, mas também nas ações cotidianas, no andar pela rua, na observação do movimento diário das pessoas, nas conversas, nos sotaques. É observar, aceitar e sentir a vida pulsando nas diferentes culturas, nos protestos de rua, nas decisões políticas, na luta por direitos humanos, nas leis, nos conflitos, nas reivindicações, nos debates sobre as necessidades de cada povo.

Nesse contexto, avaliação na disciplina de Geografia, requer um processo contínuo de olhar para si, olhar para a sociedade da qual somos parte e olhar para o mundo, com olhos críticos, porém, compreensivos. É ver o ser humano como ele é: uma infinidade de possibilidades a serem construídas. A Geografia é movimento, transformação, relações de troca, é o cotidiano acontecendo ali, aqui, lá, em todos os lugares.

Portanto, a avaliação na disciplina de Geografia não pode ser estática, quantificável. Ela requer o exercício de ir além dos conteúdos, aliando seu caráter de ciência social à incessante necessidade humana de reconstruir-se continuamente, de vivenciar emoções, de sensibilizar-se, de ampliar os horizontes de aprendizagem de maneira a contemplar as experiências cotidianas e trazê-las à reflexão no ambiente da sala de aula.

Referências

ALMEIDA, Célia Maria de Castro. Concepções e práticas artísticas na escola. In: FERREIRA, Sueli. (org). **O ensino das artes construindo caminhos**. Campinas, SP: Papirus, 2004.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, 1996. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso em 05 de maio de 2013.

CALLAI, Helena C. (Org.). **Educação Geográfica: Reflexão e Prática**. Ijuí: Editora Unijuí, 2011.

CALLAI, Helena C. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antônio C. **Ensino de Geografia: práticas e contextualizações no cotidiano** (org.). Porto Alegre: Mediação, 2000.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas: Papirus, 2008.

CATANI, Denice Barbara. GALLEGOS, Rita de Cássia. **Avaliação**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

DUARTE JR., João-Francisco. **O Sentido dos sentidos a educação (do) sensível**. Curitiba: Criar Edições, 2001.

DUARTE Jr., João Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. 2ª ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 1988.

DUARTE Jr., João Francisco. **Por que arte-educação?** 6ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1991.

FILIZOLA, Roberto. **Didática da Geografia: proposições metodológicas e conteúdos entrelaçados com a avaliação**. Curitiba: Base Editorial, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra: 1987.

FURLAN, Maria Ignez Carlin. **Avaliação da aprendizagem escolar: convergências, divergências**. São Paulo: Annablume, 2007.

Olh@res, Guarulhos, v. 2, n. 1, p. 168-193. Maio, 2014.

GADOTTI, Moacir. **Educação e poder**: introdução à Pedagogia do conflito. São Paulo: Cortez, 1984.

GENNARI, Mario. **La educación estética**: arte y literatura. Paidós: Barcelona, Buenos Aires, México, 1997.

GOULART, Lígia Beatriz. Teorias que (re)produzem espaços: uma proposta para ampliar a inserção de alunos trabalhadores na sociedade. In: CASTROGIOVANNI, Antônio C. KAERCHER, Nestor A. REGO, Nelson. (org.) **Geografia**: práticas pedagógicas para o ensino médio. Porto Alegre: Artmed, 2007.

HUISMAN, Denis. **A Estética**. Edições 70: Lisboa, 1984.

KAERCHER, Nestor A. A geografia é o nosso dia-a-dia. In: CASTRIGIOVANNI, A. C. [et. al.] **Geografia em sala de aula**: práticas e reflexões. Porto Alegre: editora da UFRGS/AGB – Seção Porto Alegre, 2003, p. 11-21.

KAERCHER, Nestor A. **Desafios e utopias no ensino de geografia**. Santa Cruz do Sul, RS: Edunisc, 1997.

KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino básico**: questões e propostas. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

LIBÂNEO, José. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2004.

MAFFESOLI, Michel. **El instante eterno**: el retorno de lo trágico en las sociedades posmodernas. Buenos Aires: Paidós, 2001.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MEIRA, Marly R. Educação Estética, arte e cultura do cotidiano. In: PILLAR, Analice Dutra (org.) **A educação do olhar no ensino das artes**. Porto Alegre: Mediação, 1999.

MORALES, Pedro. **Avaliação escolar**: o que é, como se faz. Rio de Janeiro: Loyola. 2003.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas. **Virando a escola do avesso por meio da avaliação**. Campinas, SP: Papirus, 2008.